## DISCURSO DE TOMAZ POMPEU (\*)

## Senhores:

Quisestes homenagear a velhice na pessoa dos vossos professores, afastados do convívio acadêmico por fôrça da lei. Somos inúteis relíquias que se não guardam, nem operam milagres.

Na vossa generosidade, viestes lembrar aos desatentos ou indiferentes que os dois velhos de quem ora vos lembrais, foram os propulsionadores dêste Instituto, os seus quase criadores.

Pudera, recolhido ao mutismo ou com simples palavras sacramentais, manifestar-vos o meu reconhecimento; mas insististes para que eu vos dissesse algumas palavras, quisestes ouvir o canto do cisne do meu colega e amigo querido, e o gralhar dissonante de quem nunca teve a voz harmoniosa de orador nem o trinar alvissareiro do rouxinol que anuncia a primavera.

Os velhos são como as mulheres faceiras: em se lhes tocando a vaidade, nada sabem recusar.

Aqui estou para cumprir as vossas ordens.

A velhice é a idade das verdades supremas, porque já se não precisa iludir, nem iludir os estranhos. Na revoada das ambições foram-se-lhe os belos projetos de glória, de grandeza de poderio, com as agruras das desilusões. O coração murcho já não rescende o perfume dos amores, nem acalenta uma esperança de ternura feminil. É um solo esteril, maninho, a

<sup>(\*)</sup> Discurso pronunciado pelo próprio Tomaz Pompeu, nas festas comemorativas da fundação dos cursos jurídicos, em Agosto de 1927.

quem a fortuna, excusa e fugidia, não borrifa com a chuva vivificadora que alenta a vegetação das comoções doces e floridas. O deserto, a solidão campeia n'alma, adormentada por uma semi-inconsciência que preludia a morte, qual a atração do túmulo.

Limitar-me-ei a esboçar os enlêvos da vossa idade, os seus ideais, a sua trajectória na luta pela vida, contrapondo o papel, senão a serenidade ao dever da velhice. A agitação, à quietude.

A mocidade é o predomínio dos instintos ainda não disciplinados, das paixões bulhentas, fervorosas, ardentes, não contidas pela experiência, é a fase contemplativa da existência, na qual a imaginação dominadora, exigente, distanciada da realidade, se embala em fantasias, em devaneios poéticos, em ilusões que a pouco e pouco os anos vão dissipando.

É natural que, ao alvorecer da vida social, não tenha o moço colhido ainda os frutos pingues da experiência, e que os seus desejos, as suas aspirações, não bitoladas pelas possibilidades ordinárias, transponham os limites assinalados à fatalidade das coisas.

É o império da fantasia, dos sonhos de oiro, do platonismo amoroso, das irrealidades amamentadas com os impulsos da ambição importuna e quase inconsciente.

Eis porque a poesia acaricia a fada do "logis" para me servir da expressão de Mallebranche, e se expande na mente juvenil, qual seara viçosa a brotar do solo depois de haver recolhido o perolar das gotas do orvalho matinal.

A poesia é a sensibilidade despertada pela imaginação; não requer outros atavios senão os da emotividade fugaz, produzida por lances súbitos e momentâneos; é a herva luxuriante de verdura, basta, pródiga de seiva, que mal enflora e já os ardores estivais estiolam e pulverizam.

O verdadeiro éstro, o que dedilha na lira cânticos imor-

tais, o que traduz as modalidades da alma, as fundas comoções que abalam as fibras mais recônditas do coração; a poesia que se alcandora nas regiões heroicas de Homero, nas sutilezas metafísicas de Dante, nos solaus da Armida do Tasso, nas agitações pungentes da dúvida do Hamlet, na pureza edênica do paraíso de Milton, na sublimidade do esfôrço luzitano contra o Adamastor em Camões, na luta da ciência contra as crendices populares no Fausto de Goethe; essa poesia não é a idealização de uma alvorada juvenil, senão o esplendor de um sol meridiano, em toda pujança de irradiação luminosa, de calor vivificante.

É que a mocidade, como aquelas pobres flores, tão desbotadas de Malherbe, fenece breve e transitoriamente, ao perpassar depressa como o caçador da lenda de Burger.

Os políticos sonhadores ou ingenuamente confiantes na fôrça e prestígio da mocidade, delineam nas suas combinações avassaladoras construir ou refazer a sociedade, com tais elementos esquecidos da fugacidade dessa mocidade que se vai despojando dia a dia das suas louçanias e aspirações ridentes, por vestir o burel tristonho da maturidade. A alvorada, que se anuncia a toques de oiro e de púrpura, mal abre o dia com os seus dedos de rosa, no dizer dos poetas, e já atufa no pelago do tempo para dar lugar à luz meridiana e ao descambar da tarde.

Nesse solo movediço, instável, dos anos, como construir o edifício duradouro do govêrno, da sociedade?

Governar é prever, ordenar, aconselhado pela lição do passado, pelo ensinamento dos fatos, pelo conhecimento dos tradições, índole e educação dos povos. Não é produto de idealização por mais lógicas e bem arquitetadas que a imaginação haja construido; é o labor argamassado da experiência de longos anos, de fracassos e de êxitos, de amarguras e desilusões.

Só tardiamente, quando o escol social se há imposto à confiança popular, é que adquire o saber necessário para adaptar às necessidades nacionais as práticas que a satisfaçam e lhe proporcionem a segurança, sem a qual a comunhão periclita indecisa, num inconstante ricorsi.

A mocidade é, como o povo entregue a seus instintos, excelente para destruir, mas inábil para reconstruir. Os guerreiros moços — Alexandre e Napoleão reduziram os povos à servidão, não fundaram govêrnos estáveis. Cesar, mais idoso, venceu os gauleses, organizou o govêrno que perpetuou o gênio latino na Galia.

A mocidade pouco se distancia da infância, cuja natureza, no viço dos seus instintos, na plenitude da fôrça curiosa e inovadora, ainda não foi sopitada pela vontade refletida e imperiosa.

E se conceituarmos a noção de progresso ou de civilização como equivalente ao quebramento das paixões nativas da gradação por que passou o homem primitivo até o domínio das leis sociais, ao império da moral cristã, a mocidade, avizinhada ainda da fase dos instintos mal domados, apenas adormentados ou fracamente polidos na escola, representa uma esperança, uma fôrça incontida que deve propulsionar o movimento social e preparar o advento governamental das nações.

É um estágio e não uma ação dinâmica, um motor que precisa ser posto em andamento por hábil maquinista, sob pena de explodir e danificar a sua finalidade benéfica.

A ciência é calma e porventura contrária aos arroubos sentimentais da nossa primeira idade. O entusiasmo que é o zênite de uma paixão, a forma tangível e onipotente da espontaneidade de um sentimento não se coaduna com a placidez da verdade fria do saber.

Pode, como a fé, derrubar montanhas, mas na sua passa-

gem e na esteira dos seus passos deixa apenas escombros, ruina pulverulentas, com as quais nada se consegue erguer de útil e proveitoso. Como os furacões que o vendaval impele na sua marcha destruidora, tudo subverte, tudo derruba na fúria de aplainar.

A generosidade de uma idéia mal incubada lança-se impetuosa, incontida nos surtos juvenis e sem prescrutar as condições sociais de uma época, sem medir o alcance do seu impulso; transborda do seu tempo e agourenta o seu êxito desfalecendo, enfim inerte, incompreendida, incapaz de aviventar uma só instituição, de mitigar um só sofrimento nacional. Assemelha-se a essas bolhas de sabão que refletem as cores do arco-iris, facotadas e cambiantes por um instante, e se desfazem em breve à mínima pressão da atmosfera, do ambiente.

Os nossos indígenas, os primeiros incolas brasileiros, também se saturavam de festas e entusiasmos infindos. Sua existência deslisava-se entre a destruição da guerra e as dansas no terreiro das tabas. Fluiam a eterna juventude por não sentirem o perpassar dos anos a lhes minorar ou sofrer os pendores selvagens, herdados do berço.

O entusiasmo não fecunda, exalta as paixões, destrói as Bastilhas para erguer os Napoleões; acompanha o carro dos triunfadores e eleva ao govêrno absoluto os Césares; festeja os usurpadores reconduz em meio de aplausos e aclamações populares os Carlos VII, que vêm sufocar o surto liberal da revolução de Cadiz.

Deve-se, ao desequilíbrio do sentimento natural da verdade, os exagêros de todo gênero. Cérebros a quem apenas se deparam lineamentos, esboços sentimentais de um fenômeno sociológico, já dão como realizáveis, expressão de uma conquista popular, o que a imaginação lhes subjetiva em abstrações metafísicas. Tudo é visto pelo prisma do argumento. O exagêro domina, então, nos comícios da praça pública e se implanta na imprensa como a súmula dos fatos. Ao ler-se um periódico, redigido por moços, dir-se-ia que chegamos aos confins de todos os infortúnios, de todos os males nacionais. Os que retêm o poder, as autoridades, são para êles simples usurpadores impatrióticos, personagens adventícios repudiados pela opinião pública, meros parasitas que exaurem as fôrças produtivas do país.

Esses extremistas que Roosevelt tão duramente profligou pela carência de justiça, de ponderação, de observação exata das causas, e que se distanciam da realidade por desconhecerem a índole, a educação, a emotividade e as tradições nacionais; extremistas que pensam, na ingenuidade da ignorância das leis sociais, reformar o mundo, transformar um povo por meio de artigos de jornal são como os sonhadores românticos, baldos de energia criadora, de ação eficiente, nos quais a vontade faliu em meio do caminho, e se vingam do insucesso de sua fôrças, chamando na acridez de um pessimismo sistemático, quais profetas hebreus, a próxima e irremissível ruina da pátria, senão do mundo.

As nossas ouças acostumaram-se desde a infância a ouvir o sinistro estribilho de que o país está à borda do abismo e nêle se precipitará, se tal reforma sugerida como medida salvadora, elaborada pelo cérebro de Palas, que redige os jornais extremistas, não fôr adotada. Mas, felizmente, para gáudio de todos, ainda nos conservamos pendidos sôbre o terrível sorvedouro, à espera de que os prognósticos das Cassandras da imprensa se realizem subitamente.

Verdade seja, que por vêzes, quando o sôpro dos govêrnos lhe traz a viração fresca e alentadora de um favor, o extremista intransigente da véspera, recolhe-se, qual Achilles, à sua tenda de oposicionista, para em breve deixá-la e vir pugnar, já convencido da restauração e progresso do país, ao lado dos que êle acusava de incapacidade e improbidade administrativa.

São vira-voltas que se sucedem mais frequentes do que era de supor a abastardarem o caráter nacional, mantendo e proliferando a classe engenhosa dos exploradores de crendices populares, dos descontentes a quem a inépcia e a preguiça vedaram acesso ao bem estar, ou a uma posição digna e relevante na sociedade. Enquanto não cai do céu o maná vivificante do poder, não há melhor emprêgo para quem se sente dotado de inteligência e de argúcia do que tomar ao pessimismo de Timon de Atenas a clave destruidora e vibrar com ela golpes certeiros contra a ordem de coisas existentes, certos de colhêr aplausos, tanto mais estrepitosos quanto a estreiteza do meio, cimentado pela ignorância, assemelha-a ao teatro aldeão das murmurações e desafogos compadrescos.

Quando, porém, a aura benéfica entra de improviso na redação desses periódicos, ilumina-lhes a inteligência, aclara-lhes os conceitos, o que ontem parecia prenúncio de uma convulsão popular, desenha-se-lhes em quadro otimistas a melhor das situações no melhor dos mundos.

Schopenhauer quebra a pena revoltada contra a vida, para empunhar o cajado de Leibnitz e reconhecer os encantos da natureza no próprios infortùnios do Cândido voltairiano. Ao negrume do céu, na pasagem que dantes eles esbocaram, ao sombrio quadro de um Ribeiro, oirifica-se o fundo da tela desse painel, como na pintura bisantina.

Um dos graves defeitos do impulsivismo humano, quase sempre apanagio dos espiritos irrequietos e irrefletidos, é acreditar que os males sociais ou supostos tais se podem curar com palavras sonoras, secundadas por atos violentos.

A terapêutica das revoluções ou das reformas radicais

que promana dessa fonte, aplicada por êsses reformadores ocasionais, não faz mais do que "substituir os desejos dos reformadores por outros desejos" na expressão de G. Le Bon.

Na irrefletida generosidade juvenil, o afan de melhorar, de adaptar aos seus sentimentos os da nação, de proporcionar ao povo as delicias da idade de Saturno, consulta apenas idéias mal esboçadas, de cérebros inexperientes. E como todo o trabalho imperfeitamente alicerçado, as reformas de afogadilho ruem antes de terminadas, e em vez de satisfazerem a uma só das desnecessidades geralmente sentidas, agravam-se e dificultam a aplicação racional e proficua das medidas reclamadas.

Um observador sagaz — Alberto Guinon, pondera que se deve desconfiar das grandes reformas porque "geralmente só trazem a vantagem de ludibriar os pequenos, de prometer um pão de açucar ás pessoas que dele desejam apenas um pequeno pedaço, e concluir por lhes não dar nem o pedaço nem o pão".

Os espiritos inscientes ignoram que o curso dos acontecimentos humanos obedece a leis tão fatais, tão inflexíveis quanto as que regem o mundo fisico.

Da mesma forma que não nos é dado deter o movimento solar e paralisar o fluir das horas, qual novos Josués, não podemos precipitar o advento de um melhoramento, porque êle nos parece necessário e lógico.

"Quem diz evolução diz o contrário de revolução. Uma sociedade que evolue desenvolve-se, não recomeça em cada geração" opina Bourget.

As soluções rapidas, aquecidas a rubro no entusiasmo popular, geram "revoluções que em sua maioria são perigosissimas para o povo" (Le Bon).

E" "não é de uma revolução, mas de uma transformação profunda das idéias que resultam as reformas duradouras. Reformas que não são feituras das revoluções mas que se operam por lentas acumulações de pequena causas, com as transfor-

mações geológicas". (Le Bon).

Latino Coêlho, porventura o mais ilustrado republicano português, já assinalava "que na revolução as palavras precedem às idéias, as fórmulas á reforma pública, o sentimento ao raciocinio e o entusiasmo febricitante e supersticioso ao culto racional da verdadeira democracia.

E quanto ás suas consequências, aos pretensos beneficios que ela traz, ainda é um sabio observador e profundo sociólogo (G. Le Bon) quem sentencia que: "as revoluções custam caro e pouce produzem. O Terror, 20 anos de guerras européias e a morte violenta de 3 milhões de homens foram necessários para dar simplesmente aos franceses o simulacro dos direitos e da igualdade perante a lei, o que êles teriam obtido sem revolução".

E em relação a seu objetivo primordial, qual o de derrotar o despotismo, de restabelecer o regime da liberdade, são oportunas e sensatas palavras do sr. Carlos de Laet no discurso de recepção de D. Silverio na Academia Brasileira: "As revoluções que se jactam de ter acabado a tirania, engranzaram nas multidões outras e mais poderosas tiranias. Os povos quando repousadamente não se educaram para a liberdade, em lhes faltando um senhor, procuram logo outro".

As revoluções são quase sempre obra de espiritos sofregos, ardentia juvenil, da metafísica política não sazonada, quando não provocadas pelos desclassificados, que, á falta de uma ocupação honesta, da continuidade no trabalho, tentam nivelar as condições humanas, confiscando o que o esforço conservador acumulou a custo de precisão e de economia. Tais revolucionários são rebentos da madraçaria vulgar, incapaz de poupar dia a dia, de restringir as suas necessidades confiando sómente nos favores da sorte, nos lances da ambição, nos premios da loteria. E' êste anseio da fortuna fácil, sem os labores quotidianos, a entrar-lhe de porta a dentro, que incita a alma

popular a subverter a organização política a golpes de audácia.

Os moços, arautos das revoluções salvadoras, são meros iluminados, vitimas de sua credulidade e dos sonhos risonhos que a imaginação vagabunda lhes sugere.

## "La jeunesse est credule aux esperances vaines". Leconte de Lisle

Não vou tão longe, quando a célebre romancista francêsa ao qualificar essa idade louçã de "Crêr em si! sublime e imbecil fatuidade de mocidade! Compor por si proprio o futuro e fantasiar o destino que se quer, lançar um olhar de desprêzo soberbo para os viajantes cansados. Saber tão pouco que se toma o desejo pela vontade! Oh! felicidade e tolice insolentes!"

Sem dúvida, G. Sand referia-se á mocidade francêsa "que se flatte et croit tout obtenir" como já dizia La Fontaine; a mesma de quem um grande critico, há pouco falecido, Larronmet, assegurava ser "no conjunto triste e desanimada antes de agir".

"Mocidade que Alberto Durby acoima de revolucionaria; de não ter perdido somente a fé sinão o respeito. Em vez de ser, como na Alemanha, um dique contra a invasão das idéias demagógicas, é o seu auxiliar mais ativo".

Essa mocidade latina que entra na vida cheia de ideias gerais, rica de tantasias, em oposição á da Saxonia que aos 20 anos conhece mais fatos que um francês de 40, segundo a observação de Taine, não é por certo a que nos Estados Unidos da America do Norte, em vez de querer dar um novo governo ao país, não desdenha o trabalho, e ao contrário sujeita-se a profissões secundárias para ganhar a vida. O penetrante publicista, que foi Lord Bryce, refere no seu profundo estudo sôbre os Estados Unidos, que "muitos moços estudantes universitários, empregam-se nos hotéis por um semestre, como gar-

çons, para no seguinte frequentarem as classes acadêmicas.

E todos sabem que os Roosevelts, os Rockfellers, os Gay Good e tantos outros que se se distinguiram na vida comercial ou política começaram humildemente a vender jornais pelas ruas, etc.

E' essa a raça viril que não faz revoluções, mas conquista o mundo pela aplicação de seus esforços á indústria ao comercio e até ás ciências.

Foi ela quem não precisou convulsionar o mundo e afogar em sangue uma geração para afirmar, não somente os direitos de cidadãos os titulos de nobreza da liberdade humana sinão assegurá-los por meio de garantias sólidas em uma carta constitucional que ainda hoje é considerada a expressão mais real e verdadeira das conquistas liberais. A raça latina produziu a revolução francêsa, a saxonia o "Common law" onde todos os povos livres foram abeberar-se de ensinamentos e garantias políticas.

Os temperamentos irrequietos apelam para a destruição ou subvenção da ordem social como meios de apressar o advento de novas instituições, deslembrados de que a violência nada fundou de sólido e duradouro, e que na esfera moral não se derrocam hábitos e preconceitos como se demolem velhas fortalezas, arrasando-lhes as ameias. Uma crendice, um preconceito arraigado na alma de um povo é uma quota do seu peculio mental que se não pode roubar por fratura, mas que o tempo, a educação, novas condições sociais, vão lentamente aluindo, dando-lhes sucedaneos adequados á evolução operada.

"A mocidade mostra-se sempre intolerante, por não possuir o senso das possibilidades, por crêr facil reformar o que fere a lógica racional: mas cumpre refletir que não é esta lógica que leva o mundo". (Le Bon).

Na vaga ondulente da mocidade, como a qualificou o poeta inglês Wordsworth, quase tudo é fugaz e incerto. E não

sou eu só quem o diz e sim um dos moços mais promissores da nossa terra, Ronald de Carvalho, nestes versos de sincera verdade:

> "Ah! mocidade, ah, vida incerta e dura Que foge e passa Como um novelo ondeante de fumaça Na penumbra finissima da altura."

Se ela hoje se ergue aos pincaros do ideal e se cultúa as criações daquela lógica; amanhã é uma lebre que transpõe de um salto as malhas da razão.

"Such a haro is madness.

Youth, to skin over the mas hes of good
Council the cripple". (Shakespeare).

E senhores, que produziu até o presente a mocidade simples cantos, hinos, lamentos, idílios em todas as solfas que a poesia dedilha na sua lira encantadora!

E' nessa região edenica "onde a realidade expira e escapa o domínio da observação e do raciocínio que impera a poesia. (F. Brunetiére) "essa luz da mocidade" no dizer de Alvaro de Azevedo, luz que "desmaia á medida que a filosofia, a dialetica e a tecnologia floresce". (Proudhon). Aí e nas artes irmãs, ela iniciou o que uma idade mais adiantada em anos aperfeiçoou sinão completou.

As produções mais belas em todas as artes são obras da maturidade e da velhice. Não preciso joeirar biografias para mostrar, até vos entediar, a longa que deixaram traços indeleveis, senão infinda nomenclatura dos luminosos, em todos os ramos da atividade humana. Limito-me a breves exemplos.

Pedro, o Eremita, já velho foi o impulsionador da primei-

ra cruzada; Dandolo, doge de Veneza, ganhou batalhas aos 90 anos e recusou uma aos 96; Wellington fez plantas e dirigiu trabalhos de fortificação aos 80 anos. A melhor obra de Johnson — "A vida dos poetas" foi escrita aos 78 anos; De Foe tinha 58 anos quando publicou "Robinson Crusoe"; Newton acrescentou novos capitulos aos seus "Principios" aos 86 anos: Galileu tinha perto de setenta anos quando escreveu o seu "Tratado do movimento"; Madame Sommerville terminou a sua obra "Ciência molecular e microscópica" aos 89 anos; Humboldt completou o seu "Cosmos" aos 90 anos; Goethe concluiu a 2a. parte do "Fausto" quase aos 80 anos e escreveu as celebres "lieds" de Mariendab aos 76 anos: Bismark exerceu grande influência internacional aos 80 anos: o Papa Leão XIII escrevia versos latinos quase aos 90 anos: Gladstone pronunciou mais de dez discursos por dia, na campanha de Midlotian aos 75 anos. Clemenceau quase aos 80 anos fez parte do Congresso de Versailles que pôs termo a guerra de 1914 a 1918.

Handel só depois dos 54 anos compôs o oratorio de "Israel no Egito" e aos 74 concluiu a introdução de "Judas Macabeu": Haydn compôs as suas mais belas obras depois dos 60 anos; Rossini compôs a grande "Missa solene" considerada a sua obra prima, aos 73 anos Miguel Angelo começou o "Juizo final" aos 57 anos e concluiu aos 66 e tinha 87 anos quando levantou a cúpola de São Pedro em Roma.

Milton concluiu o "Paraiso Perdido" aos 57 anos e o "Sanson" aos 63. Cooper sómente depois de 50 anos escreveu a "Tarefa" Voltaire escreveu a "Enciclopedia" aos 70 anos e a tragédia "Irene" aos 83. A "Odisséia" foi composta por um velho
cégo Homero. Bossuet tinha 60 anos quando pregou o mais belo
dos seus sermões. Locke aos 73 anos ocupava-se ativamente de
trabalhos literários Pousain pintou a sua grande tela "Diluvio" aos 76 anos, West pintou aos 79 anos a sua última e mais
notave! obra "Morte do cavalo branco". O general Rodeszky

contava 83 anos quando ganhou a batalha de Navarra. Molske tinha mais de 70 anos quando venceu os francêses em Sedan (1870). Rousseau escreveu a "Nova Heloisa" quase aos 69. Lamske, só depois dos quarenta anos, publicou livros, continuando a fazer conferências até aos 75, e cego ainda aos 86 publicou com o auxilio de sua filha, o ultimo livro. Platão escreveu até os 83 anos; Cicero compôs o "Tratado sobre a velhice" aos 62 anos, e Sandhurst ao seu nonagenario dirigiu-se à Camara dos Lords em um discurso notavel pela clareza. Palmerston morreu aos 84 anos como 1.º ministro.

Não é proposito meu vindicar os fôros de nobreza da velhice, sepultados nos anais das letras, ela não o precisa, e quem vos fala não têm braços para varrer a poeira dos anos que se vai acumulando sôbre o passado dela.

Contei com a vossa generosidade para ouvir complacente a que suponho ser verdade.

Os poetas enaltecem a aurora da vida, mas as vezes são benevolos e esparzem flôres no caminho dos que se arrastam tropegos, cansados para a ultima morada. Não menos blandiciosos são os moralistas, pensadores de todos os tempos, desde os filósofo gregos, de Cicero, Seneca, Marco Aurelio aos Augier, Renan e tantos outros cuja existência alongou-se tocada pela visão clara de otimismo.

"A velhice é uma redenção, escrevia ainda há pouco, um festejado acadêmico (Austregesilo), porque nos liberta dos desejos doentios de Amôr".

A alma nessa idade perde em comoção o que ganhou em experiência. Nela não existem ódios violentos, paixões acerbas, sonhos promissores nem desilusões amargas. Há qualquer cousa de dôres que passaram, risos que se apagaram, paixões que se transformaram em cinzas.

Dir-se-ia ouvir a apologia dessa idade por um Cícero ou um Renan, que não há quadro mais doce, mais sedutor, mais prenhe de prazeres na existência humana.

"Idade encantadora proclama E. Renan, a mais apropriada a serena alegria na qual se começa a vêr após laboriosa jornada, que tudo é vaidade; mas também que uma multidão de coisas vãs são dignas de ser largamente saboreadas.

"As horas do ocaso da vida podem ser as mais belas exclama Smiles, assim como são mais formosas as pétalas que a flôr desdobra por último".

Augier quase nos apresenta essa idade como o almejo ideal da vida "A Velhice é verdadeiramente a felicidade na terra, idade encantadora que é pena durar tão pouco".

"Old age yet has honor and toil (a velhice ainda tem sua honra e sua missão) Tennyson.

O nosso Rui tão prodigo de eloquência já no abeirar-se do tumulo, apostrofava enfaticamente. "Volto-me para o coração e não o encontro diferente do que era há trinta anos. Ergo a cabeça e não me treme, não vejo que nêle ferve, como dantes, o entusiasmo, a coragem, a fé nas coisas santas, nas grandes, nas eternas".

Essa nobre afirmação condiz com o que um autor da moda (Marden) doutrina: "enquanto o homem trabalhar não é velho".

O próprio E. Faguet, quase sempre cáustico para com o seu tempo segreda-nos que "os velhos são a conciência da nacão; consciência severa, teimosa, triste, impertinente e escrupulosa que repete sempre a mesma cousa".

Outro humorista, igualmente satirico, afirma solenemente que "não honrar a velhice é demolir pela manhã a casa em que a noite se deve dormir". (A. Karr).

E o que mais surpreende é ver cair da pena de um demolidor literário (O. Wilde) que é para rejuvenescer a alma que o corpo envelhece".

Que se deverá esperar do filósofo para quem a poesia foi uma maneira estética de enunciar verdades? Refiro-me a sully Prudhomme, o grande acadêmico, a quem coube o premio Nobel de literatura.

> "J'aspire a ce âge sauver Où mon âme coulera plus sage dans ses veines; Ou les plaisirs pour moi n' ayant plus de sauveur Je vivrai doucement avec mes vieilles panes."

Vêde, senhores, que essa velhice cuja experiência foi adquirida laboriosamente pela observação diuturna dos acontecimentos deve ter colhido no seu trajeto vital algumas verdades sôbre o sentir íntimo, profundo, da sociedade e das aspirações e necessidades que a assaltam incessantemente.

E seu papel não é o de guardar para si, de levar para além timulo, de amortalhar-se com essas verdades. O egoismo do marquês de Fontenelle quando aos 90 anos assegurava que se possuisse todas as verdades nas mãos as abriria, só pode ser tomada como facecia espirituosa.

O nosso dever é tornar aprazível e dôce a quadra da vida intercalada entre a primeira e a ùltima idade a de desbravar o caminho que no foi penoso desarraigando-lhe os espinheiros que nos feriram, varrendo os seixos que travaram os nossos passos e proclamar a verdade, acima de tudo, desprezadas as blandicias com que hipocritamente favorecem o povo e a mocidade.

Que outros sejam os cortezãos da virilidade bulhenta; nós para quem o crepúsculo da tarde se estria de sombras devemos repousar a fronte pendida, os membros cançados, no áspero regaço dessa verdade imaculada que tanto amamos.